

DOM JOÃO DA MATHA ANDRADE E AMARAL  
BISPO DE NITERÓI

# CARTA PASTORAL



262.2  
A485C

DE  
SAUDAÇÃO AOS SEUS DIOCESANOS

MINISTERIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES  
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA NACIONAL  
BIBLIOTÉCA

NÚMERO	DATA
1292	30-11-49

D. JOÃO DA MATHA ANDRADE  
E AMARAL, POR MERCÊ DE DEUS E DA  
SANTA SÉ APOSTÓLICA BISPO  
DE NITERÓI

Ao Reverendíssimo Clero Secular e Regular  
e a todos os Diocesanos,

Saudação, paz e bênção em Jesus Cristo  
Nosso Senhor.

Altos designios de Deus! No dia 20 de maio de 1934, — festa de Pentecostes, no Santuário de Maria Auxiliadora, em Niterói, — berço da obra salesiana no Brasil, ainda por entre os aeluias da canonização de São João Bosco, eramos sagrado Bispo. Enquanto, sobre os nossos frágeis ombros, descansava o Livro dos Evangelhos, as mãos trêmulas do Consagrante e dos dois Bispos Assistentes tocavam a nossa cabeça: "*Accipe Spiritum Sanctum!*" E sentimos que, dentro de nós, algo se renovava. — Era a plenitude do sacerdócio católico que, pela imposição das mãos, nos sublimava a alma. Como os discípulos de Emaús, na tarde gloriosa da Ressurreição, podíamos, então, exclamar: Não é verdade que, ao con-

tacto daqueles três grandes corações, sentiamos que o nosso se abraçava?

De D. Ricardo Ramos de Castro Vilela recebemos o sub-diaconato, o diaconato e o presbiterato. À Diocese de Nazaré, então governada por S. Excia. Revma., demos as primícias do nosso sacerdócio. Entre o Bispo de Niterói e o Bispo resignatário de Nazaré haverá, sempre, o elo que liga o coração do filho ao coração do pai.

Do saudoso D. José Pereira Alves recebemos a nossa formação intelectual e espiritual, no venerando Seminário de Olinda, onde Sua Excia. Revma. sempre manteve, bem alto, o primado do espírito e do coração. Mais ainda, estávamos ligado ao inesquecível Prelado pelos laços do parentesco espiritual, no Sacramento da Confirmação.

Das mãos santas do Cardeal Leme, de impercível memória, recebemos a prima tonsura e a sucessão dos Apóstolos, na sagração episcopal.

A Matriz de Santana e a Catedral de São João Batista guardam os restos mortais desses dois Prelados que, por suas raras virtudes sacerdotais e patrióticas, passaram à imortalidade do Céu e da História.

Acompanhámos o saudoso Bispo de Niterói na sua última visita ao túmulo do Cardeal Leme, onde se demorou em longa e recolhida oração. Ao se levantar, nadavam-se-lhe em lágrimas os olhos. — Como se amavam! dizíamos, no nosso íntimo e, mal sabíamos que estava tão próximo o encontro, no Céu, daquelas almas de arminho, que tanto se compreenderam na terra, no amor do Cristo.

As águas rumorosas da Guanabara separam, hoje, os dois gloriosos túmulos. No bramir das vagas que se quebram de encontro às praias das duas capitais, parece-nos ouvir, ainda, a ressonância desses dois corações — imensos, como o mar, no amor à Igreja e à Pátria.

Adoráveis desígnios de Deus! — 14 anos após a nossa sagração, manda-nos a Providência Divina, pela autoridade apostólica de Pio XII, apascentar o rebanho de Niterói, ainda inconsolável pelo passamento do seu santo e sábio Pastor. Em Cajazeiras, na Paraíba, em pleno coração do nordeste, passámos os primeiros sete anos do nosso episcopado. Em Manaus, na risonha capital do Amazonas, em pleno coração da floresta virgem, — outros 7 anos demorámos. Não sei qual seja mais forte na fé e no amor ao torrão natal, se o sertanejo do nordeste, que resiste, bravamente, ao flagelo das secas, se o caboclo do Amazonas, que vence,

com estoicismo, o flagelo das águas. Nêles se reproduzem, bem vivas, as virtudes da raça. Ao dar-lhes o adeus de despedida, nêsse encontro de dois corações feridos pela dôr da separação, quantas vêzes, as lágrimas, bem mais do que as palavras, traduziram a nossa saudade cristã daquelas ovelhas que, por vontade do Céu, passariam ao cajado de outro Pastor.

Permitiu a Providência Divina, para humilhação nossa e maior glória de Deus, que se serve dos fracos para confundir os fortes, fossemos nós o sucessor de D. José, no sólio aurifulgente de Niterói.

Nasceram as Dioceses de Niterói, Paraíba e Amazonas, no mesmo dia, pela "Bulla ad Universas Ecclesias Orbis", de 27 de abril de 1892, que também elevava o Rio de Janeiro a Arquidiocese. São, pois, trigêmeas aquelas Dioceses, nas glórias do sólio episcopal.

Sucessor de D. José — Mitra que sempre brilhou, com fulgor novo, entre tantas mitras brasileiras; Cruz Pastoral que iluminou, com clarões de arrebol, as Dioceses de Natal e Niterói; Báculo seguro, na defesa da fé, e que soube atrair para a Igreja tantas almas desviadas da eterna Verdade; Anel imaculado que simbolizou o amor, sempre crescente, ao seu rebanho, amor que não sofreu esmorecimento e que foi grande, se não maior, no fim — *In finem dilexit eos.*

## SAUDAÇÃO A PIO XII

Para Sua Santidade o Papa Pio XII — o Cristo branco do Vaticano, a nossa incondicional obediência e o nosso devotado amor filial. Só Sua Santidade podia cortar as amarras que nos prendiam o coração à Diocese do Amazonas, de cujas possibilidades e de cujo futuro grandioso jamais duvidamos. Existe, no Amazonas, algo maior do que as suas misteriosas florestas, onde se dependuram os séculos; algo maior do que o Rio-Mar, que nos fala da própria grandeza da Pátria; — é o coração do povo amazonense, — um inesgotável rio de afetos. Hoje, por vontade de Deus, outro rebanho nos é dado apascentar. Tudo faremos para corresponder aos desígnios da Divina Providência, manifestados pelo Seu Vigário na terra, — o Santo Padre Pio XII.

*Ao Exmo. Sr. Nuncio Apostólico*

Ao Exmo. Sr. Nuncio Apostólico, o representante de Sua Santidade o Papa Pio XII junto ao Governo brasileiro, as nossas respeitadas saudações. Pela afabilidade de seu trato social.

a revelar a nobreza de sua grande alma e a fidalguia do seu magnânimo coração; pelo encaminhamento rápido do preenchimento das Dioceses; pelo interesse devotado a tudo que diz respeito ao nosso progresso religioso e cívico, — por tudo isso, já S. Excia. conquistou o coração dos Bispos e do povo brasileiro.

Embora reconhecendo as nossas próprias deficiências, recebemos a nossa nomeação como uma graça do Céu. Ficaremos mais perto de Pedro; mais perto do Santo Padre, que S. Excia. tão dignamente representa.

*Ao Eminentíssimo Sr. Cardeal Câmara,  
Arcebispo Metropolitano do Rio de Janeiro*

Um dos primeiros teigramas recebidos pela nossa nomeação foi o de Sua Eminência. Assim dizia: "Satisfeitíssimo, abraço novo sufragâneo."

De há muito somos devedores a Sua Eminência de inúmeras finezas. Fomos vizinhos, no Nordeste — Mossoró e Cajazeiras; e no extremo Norte — Belém e Manaus. À Sua Eminência, com o concurso do atual Arcebispo de Belém, devemos o brilho dos Congressos Eucarísticos de Cajazeiras e Manaus.

Vemos, em Sua Eminência, o Bispo dos Seminários, não só na obra gigantesca e imortalizadora da construção material do Seminário de Rio Comprido, — para não falar nos de

Azambuja e Mossoró, — mas, sobretudo, o vemos merecedor dêsse título, na aprimorada formação cultural e espiritual dos futuros levitas da Pátria.

A magna Questão Social merece de Sua Eminência particular atenção. E' o Bispo Providencial para esta hora dolorosa do mundo. Com muita justiça, enflora-lhe, também, a cabeça, que vai encanecendo no serviço das almas, outro título, igualmente glorioso — o de "Cardeal da renovação social cristã do Brasil."

Nas movimentadas Visitas Pastorais não há quem o iguale no ardor apostólico. E' o último a repousar e o primeiro a despertar. Traz as multidões prêsas aos seus lábios, pela cristalina pureza da doutrina, e ao seu coração, sempre transbordante de santa e indizível alegria, pela encantadora simplicidade que o caracteriza. Para Sua Eminência só há um lugar de repouso: o Céu.

Sufragâneo não só pelo direito canônico, mas pela alma e pelo coração, muito confiamos nas luzes do saber e da experiência de Sua Eminência, para as difíceis tarefas da nossa Diocese, que padece dos mesmos angustiosos problemas da Capital Federal.

\*

Saudamos, com respeitosa reverência, ao Eminentíssimo Cardeal Motta, Arcebispo de

São Paulo; ao Exmo. Sr. Dom Augusto Alvaro da Silva, Arcebispo Primaz do Brasil; e ao Exmo. Sr. Dom Antonio dos Santos Cabral, Arcebispo de Belo-Horizonte, membros conspícuos da Comissão Episcopal de Ação Católica e grandes luminares da Igreja no Brasil.

Com afeto fraternal, saudamos os Exmos. Srs. Bispos da Província do Rio de Janeiro:

- D. Octaviano Pereira de Albuquerque, Arcebispo, bispo de Campos;
- D. Luís Scortegagna, Bispo do Espírito Santo;
- D. Rodolpho das Mercês Oliveira Penna, Bispo de Valença;
- D. José André Coimbra, Bispo de Barra do Pirahy;
- D. Manoel Pedro da Cunha Cintra, Bispo de Petrópolis;
- D. Rosalvo Costa Rego, Bispo de Marciana (Lícia), Auxiliar do Sr. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro;
- D. Jorge Marcos de Oliveira, Bispo de Bagi (Lídia), Auxiliar do Sr. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro.

Mais do que pelos laços geográficos, estão as nossas Dioceses e as nossas almas ligadas pela mesma fé e pelo mesmo entusiasmo apostólico.

Ao recebermos a notícia de nossa transferência para Niterói, voltou-se, imediatamente, a nossa alma para o novo rebanho que Nosso Senhor nos vem de confiar e, do nosso coração emocionado, arrancamos a primeira bênção. Essa nossa primeira bênção será a continuação daquela que D. José, antes de se alar para o Céu; no leito de agonia, deu ao seu querido clero e à sua desolada grei.

As primícias dessa bênção pertencem a vós, diletos sacerdotes do clero secular e regular — os nossos cooperadores diretos na missão divina de levar almas para o Reino dos Céus. Para vós, a mesma afetuosa saudação do Divino Mestre, nas vésperas de sua morte: "*Jam non dicam vos servos sed amicos*". — Já não vos chamarei servos, mas amigos. Amor sacerdotal a se traduzir numa íntima e indissolúvel união entre o Bispo e os seus sacerdotes. União de almas e de corações, — *Cor unum et anima una*. A dispersão de forças e de energias poderá retardar a solução de problemas urgentes, inadiáveis de nossa Diocese, ou mesmo poderá dar ganho de causa ao inimigo da Igreja. A nós assiste o grave dever de injetar, no organismo anêmico do mundo, a vitamina salvadora dos princípios cristãos. A hora é de ação.

Somos os dispensadores dos mistérios de Deus, os portadores da mensagem da paz e da justiça social. E' pelo nosso ministério que os homens devem retornar à fonte da vida, que é

o Cristo. Este apostolado urgente e inadiável, temos que fazê-lo — *pela ação e pela oração*. Vida ativa e vida contemplativa. A febre excessiva de ação prejudica, por vezes, a vida interior, que é alma de todo apostolado.

Não precisamos procurar longe o exemplo do justo equilíbrio dessas duas vidas. Temos um fiel de balança, no saudoso D. José. Foi sua existência um milagre de ação e de oração. Antes de ser elevado à plenitude do sacerdócio, vemo-lo, no Seminário de Olinda, como Reitor modelar e professor emérito; em Pernambuco, como Vigário Capitular, orador e conferencista de renomado valor, membro destacado de Centros de Cultura; por toda parte, deixou a sua intensa atividade apostólica um largo e profundo sulco, que ainda hoje perdura.

Para exemplo de todos nós, é de justiça recordar aqui, de relance embora, a atividade apostólica admirável, extraordinária, multiforme, de D. José.

Vamos surpreendê-lo na sua primeira Diocese, em Natal, — alma toda afogueada em zelo. Ali o vemos empenhado em pôr em prática a Doutrina Social da Igreja — ao criar a Caixa Cooperativista que, da capital potiguar, se irradia às Paróquias do interior do Rio Grande do Norte. O atual Banco Cooperativista de Natal, com sede própria, é um expressivo marco de vitória daquela semente lançada na terra adrede revolvida e preparada pelo desvela-

do Pastor. Tal foi a sua atuação neste importante setor, afirmando a clareza com que encara os problemas sociais, procurando resolvê-los, que fez jus ao título de "Bispo do Cooperativismo".

Mas, o seu amor às letras ali ficou, também assinalado, na fundação dos Colégios Femininos de Caicó e Assú, confiados à direção da Congregação das Filhas do Amor Divino, e ainda, na reabertura dos Colégios Diocesanos de Natal e de Mossoró.

A criação da Imprensa Diocesana e do "Diário de Natal" nos falam, bem alto, de como D. José compreendia o valor das lides jornalísticas na difusão da Verdade.

Com o mesmo cunho de homem de letras vemo-lo, em Niterói, a promover Semanas de Estudo sucessivas — Semanas Pedagógicas, Catequéticas, de Ação Católica e de Ação Social, que mereceram a adesão entusiástica não só dos valores fluminenses, como de notáveis oradores sacros e leigos da Capital da República. É o mesmo homem que, com as luzes de sua fé, atrai a intelectualidade de Natal, expondo a pureza da doutrina em suas memoráveis Pregações Quaresmais.

O entranhado amor ao rebanho, levava-o, no Rio Grande do Norte, a repetidas Visitas Pastorais, percorrendo todo o Estado — então, seu extenso Bispado. O desejo de expansão da fé e o seu intenso amor a Igreja, fazem-no propôr

a Santa Sé a criação dos sólios episcopais de Mossoró e de Caicó, dando início ao patrimônio de ambos, como também, mais tarde, ao do Bispado de Petrópolis, igualmente criado pelo sucessor de Pedro, graças à sugestão de D. José.

Em terras fluminenses, para intensificar a divina sementeira nas almas, ei-lo a criar novas Paróquias, 5 das quais na capital. No mesmo sentido, com o olhar perscrutando o futuro cristão da sua Diocese, reorganiza o Seminário e funda a Obra das Vocações Sacerdotais, deixando-lhe um patrimônio de mais de um milhão de cruzeiros.

Compreendendo a necessidade do apostolado leigo, vemo-lo fundar a Ação Católica.

Toda a cidade de Niterói, sacudida pelo zelo de seu Pastor cantou, por duas vezes, em épocas diversas, os aleluias pascaes, após a pregação das Santas Missões, por vinte missionários Redentoristas, realizadas, simultaneamente, em tôdas as paróquias. O florescimento espiritual hoje encontrado na capital fluminense é continuação do trabalho fecundo de Dom José que para ali atraiu várias Congregações Religiosas masculinas e femininas.

Tal atividade só podia jorrar de uma alma transportada de amor pela Eucaristia — e todos relembramos, comovidos, o fulgor com que Niterói celebrou a passagem do Cincoentenário da Diocese e do Centenário da Catedral — com o primeiro Congresso Eucarístico Diocesano,

fulgor solar de que os Congressos de Petrópolis, Friburgo e S. Gonçalo foram continuação.

Finalmente, vamos ver o nosso D. José conseguindo do Govêrno Estadual o prédio para a residência episcopal e o terreno no valor de Cr\$ 300.000,00, destinado à construção da sede da Ação Social Diocesana do Estado do Rio.

Atividade intensa e multifôrme! repetimos estupefatos. O segrêdo de tudo — a sua piedade invulgar; a sua vida interior intensamente vivida. Numa palavra, — a santidade de sua vida. Sob o véu da humildade, — virtude que lhe era apanágio, procurou, sempre, ocultar os seus dotes magníficos de inteligência e as suas extraordinárias virtudes sacerdotais.

Deus o quis exaltar entre os homens na apoteose de seu sepultamento, com as sentidas manifestações das Câmaras, alta e baixa do País, das Assembléias Legislativas dos Estados, dos Centros de Cultura, da Imprensa Nacional e de tantas outras demonstrações de pezar. Aquêlê sol, "luz do mundo", de que nos fala o Evangelho, depois de iluminar o Leão do Norte — Pernambuco, seu Estado natal, depois de iluminar o Rio Grande do Norte e o Estado do Rio, desce ao ocaso, envolto no ouro da gratidão nacional, para despertar, mais brilhante ainda, na luz sempiterna da Glória do Céu.

Todos nós, Bispo e Clero, de joelhos sôbre a sepultura de D. José, ainda úmida, pelas lá-



grimas de seus filhos espirituais, e florida com as flores perfumosas da gratidão, reafirmemos o nosso inabalável propósito de trabalhar unidos, numa só alma e num só coração, pela maior glória de Deus e salvação das almas, na Diocese de Niterói.

A terra de Araribóia guardará, com religioso afeto, na âncora do seu coração, que é a Catedral de São João Batista, os restos mortais do seu Bispo imortal.

Na pessoa do Exmo. e Revmo. Sr. Vigário Capitular, Mons. João de Barros Uchôa, cuja dedicação à obra Pontifícia das Vocações Sacerdotais e a outros grandes empreendimentos, já sagraram benemérito da Diocese, saudamos os Consultores Diocesanos, os Párocos e todos os sacerdotes que trabalham nesse querido Bispado de Niterói.

Saudamos os religiosos que trabalham em nossa Diocese, na educação da Juventude, nas casas de formação, no serviço das almas. Saudamos os salesianos do Colégio de Santa Rosa, em cujo Santuário recebemos a plenitude do sacerdócio. Ex-aluno salesiano, a D. Bosco e a Maria Auxiliadora devemos a graça e a perseverança da nossa vocação. Os Jesuitas, de Friburgo, que formam na disciplinada grei de Santo Inácio — continuadores de Nóbrega e Anchieta — os plasmadores da nossa Pátria.

Os Franciscanos, de Cabo Frio, herdeiros do espírito de pobreza, renúncia e desprendimento do Patriarca de Assís que, na Idade Média, abriu novos rumos à humanidade sofredora. Os Padres da Divina Providência, filhos espirituais de D. Orione, vulto inconfundível que o Brasil conheceu e ama, como um homem verdadeiramente eprovidencial. Continúa o fundador vivo, nos seus sacerdotes.

\*

Com a alma em festa, enviamos uma carinhosa bênção para o nosso já querido Seminário. Sabemo-lo magnificamente organizado e superiormente dirigido por sacerdotes que aliam o saber à santidade. Após os fatigantes trabalhos apostólicos, Jesus costumava recolher-se à Betania para repousar um pouco. E' sempre o Seminário para um Bispo, dentro da Diocese, a sua Betania. O ambiente piedoso que o envolve faz repousar o espírito, reavivando os dias mais felizes da nossa vida, passados à sombra do santuário do Senhor. Queremos envolver, na mesma afetuosa bênção, os sacerdotes e os seminaristas: os padres de hoje e os sacerdotes do amanhã.

\*

A Obra das Vocações é a obra vital de uma Diocese, pois é a mantenedora do Seminário.

Despertar vocações no seio das famílias cristãs, orar pela perseverança dos seminaristas, inculcar amor ao sacerdote — o *Alter Christus*, eis a finalidade espiritual da obra. Conseguir sócios, organizar bolsas de estudos, dirigir campanhas nas Paróquias, casas religiosas e Colégios, eis a cruzada do censo. A Carta Apostólica de Sua Santidade o Papa Pio XII, dirigida aos eminentíssimos Cardeais, Arcebispos e Bispos e aos demais ordinários do Brasil, sobre as vocações sacerdotais, é de uma flagrante atualidade. Merece ser maduramente meditada.

Tôdas as obras, quer educacionais, quer de assistência social, quer mesmo, construções de templos sagrados, são necessárias, mas, a tôdas elas ultrapassa o Seminário. Se as obras sociais são rios ou veios d'água, o Seminário é a nascente — a fonte. Estancada a nascente, deixa de correr o veio d'água; seca a fonte. De que serve construir templos, Colégios, obras sociais, se amanhã, à falta de recursos, vier a fechar o Seminário? Não será isso preparar armas para o inimigo? Templos profanados, Colégios e obras sociais, talvez, desviados de sua finalidade...

A Igreja se perpetua no mundo pelo sacerdócio. E os sacerdotes, — guardiães do depósito da fé, são preparados nos Seminários.

Sacerdotes, pesemos todos nós as nossas responsabilidades e demos o melhor dos nossos esforços em prol da obra vital da Igreja. A messe

é grande, o trigal já loureja, mas, os operários são poucos. Enviemos ao Céu, como nos ensinou o Divino Mestre, o clamor das nossas preces: *Rogate ergo Dominum messis ut mitat operarios in messem suam*. Rogai, pois, ao Senhor da messe que mande aperários para a sua seára.

\*

Dedicam-se, em nossa Diocese, às Obras de caridade, à educação da juventude e à vida contemplativa, — As Irmãs de Caridade, Irmãs da Divina Providência, Irmãs Sacramentinas, Irmãs Filhas de Maria Imaculada, Irmãs Mercedárias, Irmãs Dorótéias, Irmãs do Sagrado Coração de Jesus e Irmãs Visitandinas. Almas de escol, anjos terrenos, — são verdadeiros pára-raios da Diocese. Muito esperamos das fervorosas orações dessas religiosas para o desempenho de nossa árdua missão. As maiores vitórias da Igreja são alcançadas ao pé do Sacrário.

## SAUDAÇÃO AS AUTORIDADES

*Omnis potestas a Deo venit.* Todo poder vem de Deus. Convicta da origem divina do poder, a Igreja Católica, sempre, acatou as autoridades legitimamente constituídas. Vivemos, mercê de Deus, em harmonia plena com as autoridades, nas Dioceses de Cajazeiras, na Paraíba, e de Manaus, no Amazonas. E, da mútua compreensão entre os dois poderes, — temporal e espiritual, nos foi dado realizar, tanto nas sedes episcopais como no interior dos Estados, vasta obra educacional, de assistência social e hospitalar. Com a mesma união de vistas, voltados para os superiores interesses do povo, muito poderemos fazer, dentro da nossa grande Diocese, pelo Estado do Rio, que, por sua privilegiada posição geográfica, pela visão ampla dos seus homens públicos, pelo acelerado desenvolvimento de sua indústria e do seu comércio, pela capacidade técnica de seu operariado especializado, pela uberdade de suas terras, — ocupa, hoje, lugar de destaque entre as demais unidades federativas.

Saudamos o Exmo. Sr. Governador do Estado, que tivemos a ventura de conhecer no

Congresso Mariano de Petrópolis, confundindo-se, democraticamente, com o seu povo, naquela apoteótica e edificante demonstração de fé, em que a chuva não diminuiu o ardor da gente petropolitana.

Trasladamos para aqui o atencioso telegrama que S. Excia. se dignou enviar-nos. Nêle se extravasa a fulgurante inteligência e o nobre coração do grande dirigente do Estado do Rio. Assim se exprime S. Excia. — "Govêrno Estado Rio tem grande satisfação cumprimentar novo Bispo Niterói, desejando que nobre elevada missão vossência na terra fluminense seja mais um marco expressivo já tão brilhante carreira eclesiástica".

Estendemos a nossa saudação a todo o Secretariado de S. Excia., a todos os dedicados auxiliares do Govêrno do Estado do Rio.

A brilhante representação do Estado do Rio — na Câmara e no Senado da República — os nossos saúdares.

As nossas homenagens ao colendo Tribunal de Apelação, nas pessoas do Exmo. Sr. Presidente, dos Desembargadores, Juizes da Capital e do interior e de todos os que trabalham pela implantação da Justiça. No lema de Govêrno de Sua Santidade o Papa Pio XII, gloriosamente reinante, encontramos esta frase: "*Opus Justitiae Pax*". A paz é o fruto da justiça. O mundo está desorientado porque não vive a paz

do Cristo. E' inútil desarmar as nações, se não forem pacificados os espíritos pelo império da justiça, cujo fruto sazonado é a paz, — aquela paz que os Anjos anunciaram na madrugada feliz do Natal de Nosso Senhor Jesus Cristo. — aquela mesma paz, "Pax vobis", que, no Cenáculo de Jerusalem, na tarde gloriosa de sua Ressurreição, o Cristo deu aos seus Apóstolos e discípulos.

Saudamos à Assembléia Legislativa, onde os homens eleitos pela soberania do voto, embora filiados a diversas agremiações políticas, labutam pelo bem estar da coletividade, com a visão ampla dos magnos problemas do Estado.

As Câmaras Municipais nas pessoas dos seus ilustres Presidentes — saudamos todos os edis que trabalham pela grandeza do Estado e nos Municípios da Capital e do interior do Diocese.

Como o nosso saudoso antecessor, colocamos-nos fora e acima das lutas partidárias. Somos o Chefe Espiritual da Diocese e temos filhos devotados em todos os partidos legais do Estado. Não podemos dividir o nosso coração que, todo inteiro, pertence ao povo do nosso Bispado. Respeitados os direitos inalienáveis da Igreja, gozarão os nossos caríssimos diocesanos da liberdade de associação, dentro da demo-

cracia brasileira. Ouçamos, numa oportuna citação, a voz de Rui Barbosa e o pensamento de Prelado:

"Na frase de Lincoln, a República é o Governo do povo, pelo povo e para o povo. O povo é o soberano das Democracias. Alguem já afirmou que a multidão é irracional e, só a crença num Ente Supremo, Onipotente e Eterno pode conter as paixões populares. Um povo de ateus, um povo soberano, mas sem religião, seria um como oceano imenso e todo poderoso, sem praias e limites, ameaçando os continentes. Nas Democracias, todo o poder emana do povo, — mas, a soberania do povo, quem lhe confere é Deus". (Rui Barbosa).

"Democracia que vê, no Chefe do Estado, a personificação do povo, e o povo, nas Democracias, representa a própria magestade divina. Democracia que é ordem e paz, paz que não exclue a luta partidária, contanto que seja luta de princípios e idéias. Luta que, longe de desprestigiar os poderes públicos, procure orientá-los para o bem da coletividade. Luta que não se extreme, nem na idolatria da lisonja, nem nos rancores duma oposição sistemática. Assim definida a missão dos Partidos, não sei qual seja mais útil e benéfica, se a do Partido da situação, se a dos Partidos oposicionistas».

Ao Comandante da Guarnição Federal, aos  
briosos oficiais e aos disciplinados soldados —  
a nossa patriótica saudação. Desde a nossa in-  
fância começamos a admirar, na figura incon-  
fundível do Duque de Caxias, o bravo solda-  
do da Pátria e o destemido soldado da Igreja,  
— o glorioso Exército Nacional, defensor im-  
pertérrito das nossas tradições cívicas e reli-  
giosas.

A espada e a cruz, — encontrâmo-las, no  
amanhecer da nossa História, em Pôrto-Seguro.  
Cruz e espada caminham entrelaçadas, no  
Brasil-Colônia, no Brasil-Império e no Brasil-  
República, sempre a serviço da defesa da inte-  
gridade e soberania da nação, contra os seus  
inimigos externos, e a serviço da pacificação  
interna, na hora das lutas fratricidas.

\*

As nossas saudações ao Exmo. Sr. Prefeito  
Municipal, a quem queremos ajudar, na medi-  
da das nossas possibilidades, no maior desen-  
volvimentos das obras educacionais e de assis-  
tência social. A Capital, que é a cabeça do  
Estado, é, também, o coração da Diocese.

Saudamos, carinhosamente, os Reitores das  
Faculdades de Medicina, Direito e Odontolo-  
gia. Com igual intensidade de afeto, saudamos  
a Faculdade Católica de Filosofia, a Escola de  
Serviço Social, os Srs. Presidentes das Asso-  
ciações Culturais — Academia Fluminense de

Letras, Academia Niteroiense de Letras e So-  
ciedade de Medicina, bem como aos Grêmios  
Culturais e Estudantis e a todos os que se es-  
forçam pela elevação do nosso nível cultural e  
e pelo cultivo das letras na nossa amada Dio-  
cese. O Deus a quem adoramos é o Deus das  
Ciências. *Deus scientiarum est.* Aos que obje-  
tarem que a Igreja é inimiga da Ciência, po-  
demos mostrar, entre os inúmeros sábios que  
fulguram no céu da História e na glória do  
Céu, — Pasteur, multiplicando a vida e Cris-  
tóvão Colombo, aos primeiros bruxoleios da ma-  
drugada, multiplicando a terra.

Estendemos esta saudação à mocidade em  
flor que, nas Academias, Escolas e Colégios,  
prepara o futuro da Pátria e da Igreja.

\*

Saudamos os Srs. Comandantes da Polícia  
e Bombeiros, oficiais e praças, o Sr. Chefe de  
Polícia, aos Srs. Delegados e a todos os que  
estão incumbidos de, nesta hora pontilhada de  
tantas incompreensões para os que querem  
cumprir o seu dever funcional, manter a ordem.

## AO COMÉRCIO E À INDÚSTRIA

Conhecemos a proverbial generosidade do Comércio e da Indústria, em prol das obras mantidas ou orientadas pela Igreja, no Brasil. Nas horas sombrias de crise econômica, essa generosidade vai às raias do sacrifício.

Graças a essa compreensão, quantas obras sociais, disseminadas por todos os Estados do Brasil e mantidas pelo Comércio e pela Indústria!

Para vós, pois, comerciantes e industriais, para vós que tão bem compreendeis a hora atual, a saudação nossa, de envolta com a nossa bênção paternal.

## A IMPRENSA

Saudamos com particular afeto, a Imprensa do nosso Estado e do Distrito Federal. A Imprensa brasileira, veículo das idéias de uma nação genuinamente católica, não tem fugido às tradições de nossos maiores. As belas e oportunas iniciativas da Igreja, no Brasil, são divulgadas, com rapidez do relâmpago, pelos nervos de aço do telégrafo, em todos os quadrantes do solo pátrio. E' a Imprensa um grande fator da unidade nacional. Disto podemos dar testemunho insuspeito, como Bispo da mais longínqua Diocese brasileira — Manáus. Queremos aqui, saudar à Imprensa do Estado do Amazonas, que pode ombrear-se às melhores do país, tanto pela feição técnica moderna, como pelo farto material noticioso. À brilhante Imprensa baré, pois, pelo concurso desinteressado e eficiente à nossa administração na Diocese de Manáus, o nosso agradecimento.

\*

Saudamos ao venerando Corpo Consular, aos Srs. Prefeitos Municipais, ao Funcionalis-

mo Público Federal, Estadual e Municipal e a todos os que exercem uma parcela de responsabilidade, cujos nomes não nos vêm à flôr dos lábios, mas, se acham gravados no nosso coração de Pastor.

## AOS QUE SOFREM

Do íntimo d'alma, enviamos afetuosa bênção aos que sofrem nos hospitais, asilos, albergues, nosocomios, prisões e no desconforto de lares paupérrimos. O sofrimento, já o disse alguém, é o oitavo sacramento. Somos filhos da dôr, porque, gerados na Cruz, num dilúvio de sangue. Sem efusão de sangue não há redenção. Gravei bem as palavras do inesquecível Dom José que, morto, parece maior do que vivo, numa emocionante carta à sua virtuosíssima genitora, a quem desejamos ter ao lado, como segunda mãe : «Sofrí, sofri muito».

E' o sofrimento o privilégio, a marca, o sêlo dos autênticos discípulos do Cristo. O mundo jamais compreenderá a linguagem da reformadora do Carmelo, Santa Tereza de Jesús : «Sofrer ou morrer!» A «História de uma alma» nos mostra que o sofrimento em Santa Terezinha constituía uma prazer celestial, a transformar-lhe a palidez do rosto no róseo clarão da eternidade.

Utopia desejar um pariso na terra, como pensam os mundanos, sem sofrimento. O sofrimento é o Paraíso dos filhos da Cruz. Para

desejar o paraíso na terra, — seria necessário fugir ao curso da História de milênios. Tornar-se-ia preciso afastar do divisor dos dois Testamentos — o Cristo, que gritou, para dentro dos séculos :

«Bemaventurados os que choram, porque serão consolados.

Bemaventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos».



## A AÇÃO CATÓLICA, A IRMANDADES E ASSOCIAÇÕES RELIGIOSAS

Saudamos, na Junta Nacional e no Secretariado Geral da Ação Católica, o cérebro e o coração do vitorioso apostolado leigo, no Brasil.

Com efusão d'alma, saudamos os membros da Ação Católica da nossa amada Diocese, que sabemos mui ardorosos e de quem muito esperamos para a dilatação do Reinado Social de Nosso Senhor Jesus Cristo, no indivíduo, na família e na sociedade fluminense.

Com afetuoso carinho, saudamos as Irmandades, Congregações, Ligas, Associações, Conferências, masculinas e femininas, verdadeiras escolas de perfeição cristã, que tanto brilho e fulgurância dão às solenidades do culto católico.

Que tôda essa floração de associações pias auxilie, com suas preces e com a participação ativa dos seus membros, o trabalho ingente da Ação Católica!

«Sem a Ação Católica seria um milagre — milagre que não se pode pedir a Deus — se se obtivesse qualquer resultado prático, qualquer



verdadeiro êxito». Essas palavras, saídas dos lábios de um dos santos sábios Papas da Igreja, e dirigidas aos jornalistas católicos, em 1928, numa das mais graves crises do mundo moderno, exigem uma profunda meditação. A Ação Católica é tão antiga quanto a Igreja. E' mesmo, o reencontro dos nossos tempos com os tempos primitivos do cristianismo. Jesús Cristo e os Apóstolos — a Jerarquia ; os 72 discípulos — os Leigos. Os Apóstolos citam nominalmente e com encômios, os leigos que com eles colaboram no Evangelho. Eis a Ação Católica na clássica definição de Pio XI : Ação Católica é a participação do laicato no apostolado jerárquico da Igreja. «A Ação Católica é nova, novíssima, na sua organização — no mandato específico, conferido aos leigos. Nesta hora em que as forças do mal, aguerridas e organizadas, declaram guerra de morte a Cristo; nesta hora decisiva, a Igreja convoca os leigos católicos. A Ação Católica toma, pois, a feição de uma nova Cruzada, dentro da mais aperfeiçoada técnica moderna, — para deter o inimigo, para reaver o terreno perdido e avançar para novas conquistas. Tôdas as formas de apostolado na Igreja são boas, mas, para debelar a crise da hora presente, só existe UMA — a Ação Católica. Não sou eu quem o afirma. Não ousaria dizê-lo. Seria, talvez, temeridade fazê-lo. E' Pio XI, é o próprio sucessor de Pedro, pedra, rocha, sôbre a qual se assenta a

Igreja de Cristo : «Sem a Ação Católica não é possível a recristianização do mundo».

Ouçamos uma voz autorizada da Igreja :

«Contra o laicismo, o materialismo, o novo paganismo sob tôdas as formas e em todos os campos, há uma só solução : o Laicato.

O apostolado sacerdotal e religioso, por primordial que seja, é insuficiente e impotente na Igreja para a conquista do mundo. Deve ser completado pelo apostolado essencial, insubstituível dos leigos, apostolado diferente do apostolado dos sacerdotes e religiosos, apostolado imprescindível, para o estabelecimento e expansão do Reino de Deus «assim na terra como no céu». Apostolado leigo, positivo, positivamente organizado para irradiar o cristianismo vivo coquistador ! O anti-comunismo, como o anti-socialismo, o anti-capitalismo, por si sós, não são suficientes. Temo, mesmo, que muitas vêzes seja prejudicial. O movimento negativo é esteril. O Papa não cessa de repetir : «Para dissipar as trevas não basta refutá-las, não basta dizer que as trevas são favoráveis ao crime e à imoralidade» e de falar «do homem com a faca entre os dentes». Para dissipar as trevas, há um só mei : projetar a luz da verdade, da justiça, da caridade, do devotamento, do respeito à pessoa e à família : «Sic luceat lux vestra coram hominibus, ut videant opera vestra bona !» Um laicato que seja

testemunho irrecusável da vida e fecundidade cristãs. Apostolado à altura e à medida dos problemas de hoje e amanhã, à altura do mundo. Apostolado próprio aos leigos, à sua vida e problemas, às suas instituições de vida. Apostolado que introduza a Igreja e o Cristo em todos os meios e em todos os domínios que decidem do mundo de amanhã.

O nascimento, a extensão, a força do laicato é impossível sem o clero. E' este quem deve fazer descobrir os leigos, a todos os leigos, o valor e a missão apostólica de sua vida, no próprio ambiente, para todos os problemas e tôdas as instituições. *Ut vitam habeant et abundantius habeant...* Deve sustentá-los neste apostolado importante, decisivo, glorioso, *Vos estis gloria Christi*.

Todo o clero, os sacerdotes todos devem ver, compreender o apostolado leigo indispensável. Devem, sobretudo, ver e compreender como este apostolado leigo indispensável para e na Igreja não pôde realizar-se sem o clero. A afirmação peremptória de Cristo: *sine nihil*, é também verdadeira quanto ao clero. *Qui vos audit, me audit. Hoc facite in meam commemorationem. Omnia possum in eo qui me confortat.* A fé de São Paulo em sua missão deve ser a fé do clero no seu sacerdócio. Fé invencível. Fé vitoriosa. *Haec est victoria quae vincit mundum, fides nostra.* Fé na proporção e tamanho dos pro-

blemas de hoje, grande quanto o mundo, da medida da revolução mundial».

#### PREPARAÇÃO DOS LEIGOS PARA A AÇÃO CATÓLICA

Aos Sacerdotes, que são a luz do mundo e o sol da terra, cabe o oneroso encargo de preparar, de adestrar, esta «fôrça auxiliar». Cada Diocese, cada Paróquia, cada Casa Religiosa, cada Colégio deve se transformar num Seminário para *formação doutrinária, formação religiosa, formação apostólica* dos soldados da Ação Católica. Católicos esclarecidos na fé, por meio de Círculos, Cursos e Semanas de Estudos. Católicos primorosamente formados no espírito religioso, pelas Manhãs ou Tardes de Recolhimento, Retiros Espirituais, intensa vida eucarística, mariana e litúrgica. Católicos apostolicamente ardorosos, a agirem no próprio ambiente, entre homens, senhoras, rapazes, moças, médicos, bacharéis, engenheiros, comerciários, operários, industriários, soldados, — pela penetração nas fábricas e em outros meios, onde, muitas vêzes, não pode penetrar o sacerdote. Eis o que deseja a Santa Igreja, nesta hora assim definida pela palavra de Pio XII: «Não é mais o tempo da reflexão e dos projetos; é a hora da ação. Corre-se o duro páreo de que fala São Paulo — é a hora do esforço intenso; poucos instantes podem decidir da vitória».

A Igreja exige, no momento, de seus filhos, atos de verdadeiro heroísmo. E não há tempo a perder. Verdade é que a Ação Católica, para nós sacerdotes, constitue um serviço a mais, — dadas as nossas pesadas responsabilidades; mas é também um serviço a menos.

#### COLABORADORES DA JERARQUIA — OS LEIGOS

Formados cultural, religiosa e apostolicamente, os leigos viverão o seu batismo, a sua confirmação; tornar-se-ão os mais decididos colaboradores dos sacerdotes, os seus melhores Cirineus. Serão os seus braços estendidos por sobre a Paróquia. O fermento a levedar toda a massa. Hoje, um pequeno grão de mostarda; amanhã, uma árvore, rica de flores, que são as virtudes cristãs; carregada de frutos opimos de santidade.

Sacerdotes e leigos, unidos na fração do pão, unidos no apostolado, unidos até no martírio — como esta figura que os séculos emolduram de deslumbrante esplendor, e que vem, lá dos primórdios do cristianismo, — o apóstolo leigo São Sebastião. Neste século desorientado pelo comunismo ateu e pelo capitalismo egoísta, a Igreja põe, nas nossas mãos, a arma da vitória — é a Ação Católica. Saibamos empunhá-la e a vitória, neste novo Lepanto, sorrirá às forças católicas. *In hoc signo vinces.* — A Ação Católica é o sinal do triunfo. Lembre aquela cruz

luminosa que, Constantino viu tremeluzir no firmamento, sobre o seu vasto Império. A Ação Católica é a bandeira de Cristo estendida por sobre o céu da Igreja, encorajando os soldados do Papa a prosseguirem, denodados, no combate ao novo paganismo, sem experimentar desalento, até à vitória final.

#### AOS PATRÕES E OPERÁRIOS

Com largueza de coração abençoamos os patrões e os operários da nossa Diocese, em Cristo Nosso Senhor.

«O que Deus uniu, o homem não separe» — falam as Sagradas Letras do Sacramento do Matrimônio. Desejamos, também, um consórcio indissolúvel entre os patrões e os operários da nossa Diocese, pelos laços da Justiça Social e da Caridade Cristã. Nem Comunismo ateu, nem Capitalismo individualista, mas, sim, Cristianismo. Distribuição equitativa dos bens materiais, evitando, no dizer de Pio XII, a manutenção das riquezas na mão de poucos e a pobreza no meio da multidão. Compreensão mútua entre patrões e operários. Formem, juntos, uma grande família em que o patrão tenha a autoridade, o amor, a solicitude de pai para com os seus operários, aquêles que multiplicam os seus haveres terrenos; enquanto êstes, os operários, tenham aos seus patrões a obediência cristã de filhos, que vêm, no progresso da Em-

prêsa, o seu bem estar material e a garantia do futuro dos seus próprios descendentes. Que sejam uma só família cristã!

Tôda a solução da Questão Social está nesta frase: Amor de Cristo. «Dai-me um ponto de apoio e, com uma alavanca, soerguerei o mundo». Arquimedes não encontrou, porém, o ponto de apoio. Nós temos a alavanca que é a Fé, e o ponto de apoio, que é o coração do Cristo, no «*Amai-vos uns aos outros*». Coloquemos, pois, dentro do Coração do Cristo, os patrões e os operários e, novamente, sôbre o mundo conturbado, descerá a paz dos anjos — «Paz na terra aos homens de boa vontade».

#### AÇÃO SOCIAL

Saudamos na pessoa de seus ilustres e denodados dirigentes, a Ação Social Arquidiocesana, a vitoriosa A.S.A. do Rio de Janeiro, — organização modelar que, num esforço feliz, que é uma prova de fé viva, vem pondo em prática a Doutrina Social da Igreja, num trabalho sistematizado e eficiente, porque superiormente orientado.

Lemos algures: Perguntaram certo dia a Montalembert em que época da História gostaria de ter vivido, êle que era conhecedor profundo de todos os seus meandros. Incisivamente, como se estivesse à espera da pergunta, respondeu o grande escritor: «Agora!» e ex-

plicou: «Desejaria que caísse, diretamente, sôbre as minhas mãos, o sangue redentor do alto da Gólgota. Como Cristo é de sempre a redenção abrange todos os homens, — sou feliz por viver na época em que vivo». Pascal também sentenciara: «Cristo continúa em agonia até o fim dos séculos». Podemos acrescentar que Cristo continúa glorioso, na terra. Continúa em agonia no seu Corpo Místico que sofre para que «se cumpra nêle o que falta à Paixão do Senhor»; continúa, também, glorioso, na vitalidade da Igreja — perpetuadora da sua divina mensagem. Cristo vive na plenitude dos tempos, é sempre atual. Com Êle, está a sua Igreja. E' ela de flagrante atualidade, em todos os séculos. Vai, mesmo, sempre, na vanguarda dos progressos humanos. A Igreja é a divina antecipadora dos fatos.

Vivemos, não há negá-lo, uma das horas mais graves da História. Conseqüência lógica de êrros acumulados pelos desvios da inteligência e do coração humanos.

O homem deixou a Jerusalém do Sobrenatural e se encaminhou para a Jericó do materialismo. Ferido, no corpo, pelas injustiças sociais e, na alma, pela descrença, — jaz prostrado no leito da estrada. Como outrora, os sacerdotes e levitas da Antiga Lei, passam os homens, na sua maioria, indiferentes, ante os sofrimentos da massa proletária, ante o caos reinante no mundo. Criminosa indiferença!

A História não poderá deter o seu curso. Estamos nos humbrais de uma nova era, que os sociólogos chamam : a era da Justiça Social. Urge soerguer o homem que jáz, semi-morto, no leito da estrada que o conduziu a Jericó, — *sem pão, sem Deus e sem liberdade*. Debalde os falsos profetas tentam salvá-lo, no corpo, apenas, sacrificando-lhe a alma. E a miséria mais se acentúa com a perda da dignidade da pessoa humana. O abismo chama outro abismo. Ou salvaremos o homem integral, no corpo e na alma, *ou não o salvaremos*.

A Igreja Católica, que guarda o depósito da fé, salvará o homem. Esta é a sua missão sobre a terra. E' ela a Divina Samaritana. Assistida pelo Espírito-Santo, ela nos apresenta o azeite e o vinho redentores, para soerguer o homem no corpo e na alma. E êste bálsamo e êste vinho, já o adivinhastes — é a Ação Social, parte integrante da Ação Católica.

A Doutrina Social da Igreja, compendiada na imortal Encíclica de Leão XIII, anterior ao materialismo histórico, é a chave para a solução da questão econômica, que convulsiona as nações e que é, antes de tudo, uma questão moral.

«Não basta, apenas, elevar o nível material de vida» — diz, na 4ª conclusão a O.N.U. Comentando aquelas conclusões, ouçamos a voz de uma autoridade em assuntos sociais : «Reporto-me a esta frase profunda. Os repre-

sentantes de tôdas as Nações do mundo, reunidos na Organização das Nações Unidas, afirmaram, como conclusão do Conselho Econômico e Social, «que não basta, apenas, elevar o nível material de vida». Repetem, com outras palavras, um princípio evangélico : «nem só de pão vive o homem».

«Os que examinam os problemas sociais como oriundos apenas de questões materiais; se enganam profundamente e devem procurar, nos reflexos psicológicos, na perturbação de espírito e na intoxicação das almas as razões de intranquilidade, que é o fermento do desespero mundial.

Os problemas do espírito são negados e o materialismo segue avassalador, na força totalitária de destruição do homem e de sua incorporação, com máquina, á engrenagem do Estado. A solução dos problemas materiais só se alcança através da solução dos problemas do espírito. O bem-estar material só pode advir um aumento de produção e êsse aumento de produção só pode ser conquistado através de melhor eficiência, qualidade de trabalho, dedicação, atenção, boa vontade. Todos êsses fenômenos são resultantes de um estado de espírito. E' o espírito que produz e não a matéria. A negação do espírito é a negação da produção e o materialismo, no fundo, nada mais traz como consequência do que o decréscimo da produção, o pauperismo e a miséria».

E, analisando a técnica do materialismo que se preocupa em demasia com as coisas visíveis, em detrimento dos problemas do espírito, prossegue: «O bem-estar não é visível. Alcança-se o bem-estar através de um estado de espírito determinado muitas vezes questões materiais, por fatores de ordem humana. Se o espírito, todavia, não está preparado para a receptividade de todos os elementos materiais que podem criar esse bem-estar, de nada servirão tais elementos. E a angústia continuará apesar de todos os benefícios materiais e de todos os sacrifícios dos que reuniram os meios para proporcioná-los».

Que estas palavras candentes do Cônego Cardin, apóstolo dos operários, nos animem ao combate:

«A revolução mundial atinge o ponto dominante e os mais violentos efeitos na classe operária, que se torna bloco sempre mais unido, participando malgrado nacionalismos e desavenças raciais, à aspirações mais irresistíveis provocadas pelo conjunto de fatores, físicos e morais, fatores estes que encontram no seio da massa operária o caldo da cultura mais favorável a todos os transbordamentos. A questão oprimente que nos atinge em toda parte é proposta por todos os auditórios: «Chegar-se-á a desviar a classe operária do comunismo? Conseguirá a Igreja reconquistar a classe operária do mundo?»

«Na audiência privada que o Santo Padre se dignou conceder-nos em maio, repetiu-nos êle com tristeza a frase que lhe havia dito S. Emcia. o Cardeal Saliège dois dias antes:

«Santo Padre, o maior perigo que ameaça a Igreja neste momento é que as massas operárias não conhecem nada — mas nada — da doutrina social da Igreja». Há nisto averiguação perturbadora que sugere exame atento e concludente: como é possível que as massas operárias desconheçam totalmente a doutrina social da Igreja? Depois de 50 anos da «Rerum Novarum», 15 após a «Quadragesimo Anno», passados 10 da «Divini Redemptoris», quando o atual Papa nas «Rádio-mensagens» e alocações não tem cessado de precisar a doutrina da Igreja sobre a pessoa do trabalhador, a família, a necessidade de condições de desproletarização urgente e eficaz? Sabe-se o quanto Pio XII está preocupado com o problema. E isto não é senão o eco de outro enunciado escaldante que Pio XI nos dava há 21 anos: O maior escândalo do Século XX é que a Igreja perdeu a massa operária». E Pio XII continuava: «A massa operária tem necessidade da Igreja e a Igreja tem necessidade da massa operária». Jamais meditaríamos suficientemente esta verdade no presente ciclo da História, nesta hora de revolução mundial. A Igreja sem a classe operária não é a Igreja de Cristo. «Evangelizare pauperibus misit me... paupers

evangelizantur... misereor super turbam». A mais irrecusável pedra de toque do verdadeiro cristianismo é esta : «O que fizerdes ao menor dos meus a mim te-lo-eis feito». Quando Cristo pronunciou esta palavra não fazia diretamente alusão a infelicidade espiritual, mas à massa física, temporal, à fome, à sede, ao vestuário, à moradia. Não é possível separar a doutrina religiosa e moral da Igreja de sua doutrina social, como não é possível separar a alma do corpo, nem o tempo da eternidade, nem o humano do divino, nem o natural do sobrenatural. E' suficiente olhar um presépio para saber a que ponto o Cristo se identificou à massa operária».

Não é preciso refletir muito tempo a fim de ver-se a significação religiosa do trabalho e da família do trabalhador. Sem trabalho não há hóstia, nem uma gota de vinho a consagrar, nem uma pedra d'ara, um ornamento sacerdotal, Igreja, nenhum sacerdócio nem religião, como não há humanidade nem sociedade. Sem família não há crianças, novos sacerdotes, novos missionários, novos apóstolos, não há Igreja nem humanidade. Em hora tão decisiva, devemos ver o lugar fundamental, essencial, insubstituível do trabalho, do operário, da família do trabalhador na Igreja e no mundo.

No problema de desproletarização das massas operárias mundiais nada existe que seja arbitrário, caprichoso, acessório. Se a despro-

letarização é hoje necessidade econômica, política e cultural inelutável, é antes e acima de tudo exigência humana e primordialmente cristã. A classe operária do mundo não pode sofrer mais e por mais tempo este complexo de inferioridade, de insegurança, de abandono e de impotência, a falta de respeito pela pessoa do obreiro e sua família. Cada trabalhador, homem ou mulher, é pessoa com direitos invioláveis quais os de Deus mesmo de quem é imagem. Tem destino eterno que se incarna em sua vocação temporal que começa nesta vida e não outra, depois da morte. Doutrina que desconhecisse a dignidade dos trabalhadores e seus direitos em todos os aspectos da vida terrestre, vida de trabalho, vida familiar, vida social — que são colaboração eminente e indispensável ao plano de amor de Deus na obra de Criação e Redenção — essa doutrina seria o «ópio» e Marx teria razão de pôr em guarda contra ela os trabalhadores. Esta dignidade, esta vocação, o destino divino de cada trabalhador, de cada família, exigem a desproletarização, a liberação, a emancipação da massa. Essa dignidade exige regime cristão que sustente e favoreça aquêle destino único e essencial. Que serve à massa ganhar o universo se vier a perder a alma? Essa desproletarização irresistível, a massa porque não conhece a doutrina social da Igreja é tentada, é impelida, quase fatalmente, a procurar na violência, na força

material, na ditadura, por um movimento internacional que ostenta e glorifica tais meios de conquista. As reformas de estrutura por mais necessárias que sejam — copropriedade, participação na gestão, urbanismo, seguro social etc... — não bastam a realizar toda a desproletarização humana, pessoal, familiar, intelectual, moral e espiritual. Qualquer desproletarização exterior não chegará a ser mais que caricatura, decepção e desastre, se não acompanhada de outra interior que a oriente, inspire e torne fecunda, fazendo-a alavanca de ascensão e ressurreição ao invés de cadeia de escravatura ou instrumento de malôgro.

#### NÓS SOMOS A REVOLUÇÃO

«Para evitar a revolução da violência, da força material, da ditadura, é necessário dar-se a *revolução interior*, espiritual, moral, verdadeiramente humana, que transforme os indivíduos, as famílias, as empresas, a produção e toda a sociedade *por dentro*, por que só ela permite, utiliza e fecunda para o bem do homem e de toda a comunidade humana, as reformas exteriores, econômicas, sociais e políticas indispensáveis. Possa a Igreja militante, clero, e laicato, ser hoje esta revolução benfazeja e eficaz e conduzi-la ao pleno desabrochar e à sua dimensão total a fim de que o canto dos anjos se torne em breve realidade, não só num país,

não só numa classe, mas em todas as classes e para toda a humanidade: «*Gloria in excelsis Deo et in terra pax hominibus bonae voluntatis!*»

Estamos convictos de que no aguerrido e invicto exército da Ação Social, a Igreja afirma, nesta hora, a sua pujante vitalidade, a sua presença aos problemas que angustiam a humanidade. Eis porque, confiantes no céu, vivemos satisfeitos a hora que passa. Não tememos a luta, porque só nós da Igreja possuímos a Verdade. A luz não teme as trevas. A Verdade não córa diante do erro.

A postos, pois, soldados da Ação Social, Soldados da Ação Católica! Façamos nós a revolução social com o Cristo e com a Igreja, antes que os nossos adversários a façam contra o Cristo e a sua Igreja. Levantando bem alto a Cruz que, alimentada pelo sangue de Cristo, é um farol que, há dois mil anos, ilumina o mundo e, confiantes, sobraçando o evangelho do amor — a Doutrina Social da Igreja, não fujamos aos nossos deveres para com o próximo! A Ação Social é a coluna luminosa que vai conduzindo o povo de Deus à terra da Promissão — a era de Justiça Social Cristã que já se prenuncia.

Pela leitura desta Pastoral de Saudação percebestes, caríssimos irmãos no sacerdócio e ama-



dos diocesanos, que a nossa maior preocupação se dirige :

1º) para a Obra Pontifícia das Vocações Sacerdotais, mantenedora do nosso Seminário, ao qual está reservado o futuro crisão do Bispado ;

2º) para a Ação Católica, apostolado urgente, inadiável e insubstituível na obra de recristianização da sociedade ;

3º) para as obras de assistência social, que precedem, preparam e facilitam, no nosso meio ambiente, a solução cristã da magna Questão Social.

*Sursum Corda!* Para o Alto os corações! Voltemo-nos para o Céu! E' de lá que há de vir o auxílio todo poderoso para a nossa árdua, — mas sublime missão nesta mimosa e já queridíssima Diocese de Niterói.

Por maior que seja a nossa boa vontade, por mais valiosa que seja a vossa cooperação, caríssimos irmãos no sacerdócio e diletísimos fieis, jamais deixaremos de, num só coração e numa só alma, forçar, ininterruptamente, as portas do Céu com o clamor das nossas preces. Cremos, firmemente, na eficácia, no milagre da oração coletiva.

Nas armas do nosso antecessor, o inesquecível Dom José, de saudosíssima memória, estão gravadas uma Custódia e uma Estrêla, que simbolizam a Eucaristia e a Santíssima Vir-

gem. — As duas magnas devoções da cristandade católica. Dois faróis que iluminam, com redentora claridade, por entre a noite trevosa das perseguições, das heresias e das apostasias, os caminhos de vinte séculos de história cristã.

Duas altíssimas colunas que, na visão profética de São João Bosco, encimadas pelo sol da Eucaristia e pelo sorriso maternal da Virgem Santíssima, sustentam a barca de Pedro, a Igreja, contra a intempérie dos tempos e a maldade dos homens.

Bem hajam os céus! O povo fluminense, com o calor de sua fé e com o seu fervor patriótico, ergueu na cristianíssima cidade de Niterói, para gloria de Deus e de Maria, dois imperecíveis monumentos. — O da Virgem Auxiliadora, na colina sorridente de Santa Rosa, e o do Congresso Eucarístico do cincoentenário da Diocese, nos mais íntimos refolhos de sua alma. Atestarão êsses dois monumentos, séculos em fora, a fé dos seus maiores, o regresso às suas raízes históricas, às virtudes da raça, a êsse vulto ímpar, de cristão e guerreiro, — o índio Araribóia, que escreveu, com o valor das suas armas e a altivez de seu caráter, páginas homéricas de amor à Pátria e à Igreja, entre os tamóios e os herejes, para glorificação da terra — que lhe herdou e cultua, com carinho e afeto, o aureolado nome.

O passado e o presente cristãos da nossa Diocese nos falam do seu grandioso futuro, que confiamos ao Cristo Eucarístico e à Virgem Auxiliadora.

*Et Benedictio Dei Omnipotentis † Patris Et † Filii et Spiritus † Sancti descendat super vos et maneat semper. Amen.*

Dada e passada sob o Sinal e Sêlo de nossas Armas, na cidade de Manáus, Capital do Estado do Amazonas, aos 20 de maio de 1948, décimo quarto aniversário de nossa sagração episcopal.

† JOÃO, Bispo de Niterói.